



Artigo Original

Preconceito racial e discriminação: desafios e possibilidades nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

^a Rosalina Rodrigues de Oliveira, Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira^b, Elisângela da Cunha Santana^c

^a Docente do Centro Universitário Estácio de Brasília, Brasília-DF, Brasil; Doutora em Educação – Universidade de Brasília

^b Docente do Centro Universitário Estácio de Brasília, Brasília-DF, Brasil; Doutor em Educação na Universidade de Brasília

^c Graduada em Pedagogia no Centro Universitário Estácio de Brasília

INFORMAÇÃO DO ARTIGO

Histórico do artigo:

Recebido em 10 Maio 19

Revisado em 15 Julho 19

Aceito em 15 julho 19

Palavras-chave:

Prática docente

Estratégias didáticas

Discriminação racial

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar as estratégias didáticas que o professor tem utilizado no 5º ano do Ensino Fundamental, para enfrentamento do preconceito e a discriminação racial. Este estudo foi realizado em uma escola pública do DF por considerá-la um campo que atende às expectativas dos pesquisadores em relação ao objeto de estudo. Em vista disto, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo bibliográfico e pesquisa de campo. Utilizou-se a entrevista e a observação como instrumentos de geração de dados. Os sujeitos da pesquisa foram professores do 5ºano do Ensino Fundamental, que atuam na regência na referida escola. A análise e discussão de dados foram realizadas por meio da técnica de análise de conteúdo. Entre os resultados desvelados por esta pesquisa, foi possível perceber que os desafios enfrentados, no tratamento da diversidade racial na escola são: a necessidade de ampliação do debate, no âmbito escolar, principalmente entre os docentes; a urgência de avanços na construção de um plano de prevenção; elaboração de intencionalidades pedagógicas, isto é, uma militância de enfrentamento do racismo e discriminação no ambiente escolar.

Keywords:

Ex: teaching practice,
didactic strategies, racial
discrimination

ABSTRACT

This study aimed to identify the didactic strategies that the teacher has used in the 5th year of elementary school, to combat prejudice and racial discrimination. This study was carried out in a public school in the Federal District because it is considered a field that meets the expectations of the researchers in relation to the object of study. In view of this, we opted for qualitative research, of the bibliographic type and field research. Interviewing and observation were used as instruments of data generation. The subjects of the research were teachers of the 5th grade of Elementary School, who act in the regency in the referred school. Data analysis and discussion were performed using the content analysis technique. Among the results revealed by this research, it was possible to perceive that the challenges faced in the treatment of racial diversity in the school are: the need to expand the debate in the school environment, especially among teachers; the urgency of progress in the construction of a prevention plan; elaboration of pedagogical intentions, that is, a militancy to face racism and discrimination in the school environment.

* Nome do Autor Correspondente.

Tel.: +0-000-000-0000 ; fax: +0-000-000-0000.

E-mail: author@institute.xxx



Introdução

O preconceito racial e a discriminação sempre foram graves problemas na nossa sociedade e, por consequência, em nossas instituições escolares. Os negros vieram ao Brasil de uma forma desumana, como escravos, a partir deste contexto, foram, historicamente, marginalizados ou tratados como seres inferiores, como se não pudessem ter os mesmos direitos e deveres do branco.

Não obstante, avanços foram alcançados pelas lutas do movimento negro, no Brasil, em diversos aspectos, entre os quais se destaca progressos no campo do ensino, a partir da lei 10.639/2013, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos africanos e indígenas, nas escolas. Ações como estas, no âmbito das políticas públicas, realçam a necessidade de discutir possibilidades de reconhecimento da contribuição que eles nos deixaram, como a riqueza cultural, social, intelectual e econômica.

A relevância deste estudo está no fato de o racismo permanecer presente no cotidiano de muitas crianças, jovens e adultos. Na escola, estas questões aparecem com muita força, considerando os influxos que a vida em sociedade exerce sobre este espaço educativo.

Um pilar importante, na formação humana, é o reconhecimento e respeito à diversidade étnica, de gênero, religiosa, sociolinguística entre

outras, que permeiam a vida em sociedade. Diante disto, é papel da escola construir um conjunto de atitudes sociais, que conduzam as crianças a compreenderem e a respeitarem a diversidade e, principalmente, que reconheçam valor que o outro tem nas nossas vidas.

Partindo destas premissas, é relevante pensar: quais estratégias didáticas o professor tem usado, no 5º ano do Ensino Fundamental, para o enfrentamento do preconceito e a discriminação racial?

Para responder o problema proposto, traçamos, como objetivo desse estudo, identificar as estratégias didáticas que o professor tem usado, no 5º ano do Ensino Fundamental, para o enfrentamento do preconceito e a discriminação racial.

Métodos

Essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa, por considerar que esta perspectiva atende à problemática educacional de forma mais completa e permite, como afirma Gonsalves (2007), a interpretação de uma realidade, suas contradições e as subjetividades dos sujeitos envolvidas na pesquisa.

Dentro desta abordagem, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Gil (2010, p.45), nos diz que “[...] a pesquisa bibliográfica inicia-se com a escolha de um tema. É uma tarefa considerada fácil, porque qualquer ciência apresenta grande número de temas potenciais para pesquisa”, o grande objetivo da

* Nome do Autor *Correspondente*.

Tel.: +0-000-000-0000 ; fax: +0-000-000-0000.

E-mail: author@institute.xxx

pesquisa bibliográfica é a construção da investigação a partir de um tema escolhido para a pesquisa.

A pesquisa de campo, segundo Gonsalves (2007, p.6), “[...] denomina-se o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação, diretamente, com a população pesquisada”. A referida autora afirma que é necessário ir a campo, aprofundar na realidade da escola, tanto para coletar dados, quanto para analisar este contexto.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública, localizada em Samambaia Sul, Distrito Federal.

Os participantes desta pesquisa foram quatro professores, que atuam na docência no 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola Pública do Distrito Federal. Ao longo desta pesquisa, para garantir o anonimato destes sujeitos, eles foram nomeados como grandes lideranças da história do movimento negro: Luther, Zulu, Mandela, Dandara.

A análise de dados foi feita pela técnica de análise do conteúdo, por meio da qual foi possível definir três categorias de discussão: a emergência da valorização cultural negra; as consequências do racismo para a aprendizagem e intervenção docente no enfrentamento do racismo.

Nessa pesquisa, utilizou-se, como instrumento de geração de dados, a observação e a entrevista semiestruturada, contendo 10 perguntas elaboradas de acordo com o problema de pesquisa e foi realizada com os docentes participantes/colaboradores da pesquisa. A entrevista, conforme Gil (2010, p. 105), representa uma importante estratégia para “[...] levantamentos e deve considerar duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretendem obter e a escolha e formulação das perguntas”.

A observação, enquanto instrumento de pesquisa, implica em ter capacidade seletiva e imparcialidade, no sentido de não deixar

influenciar-se pelas impressões do pesquisador. Nesta direção, Severino (2007, p.5), diz que na observação “[...] o problema se formula então como questão pela causa dos fenômenos observados, qual a relação causal constante entre ele”.

Base teórica

O pressuposto de que a história brasileira privou os negros do direito de se realizar, plenamente, em sua condição humana, social, política e econômica é uma baliza que orienta a discussão teórica que apresentamos neste artigo. Nesta direção, recorreremos às contribuições teóricas de Brandão (2006, p.13), ao reconhecer que “[...] a história oficial relegou aos negros um papel secundário, dificultando o caminho em direção a sua inclusão social e criando um estado de desigualdade difícil de ser alterado. Difícil, mas não impossível”.

Há uma ideologia de inferioridade dos negros que foi forjada por séculos, principalmente pelos europeus e que foi, convenientemente, incorporada pela elite brasileira, através de uma desculturalização e uma desvalorização da cultura negra. Isto foi contribuindo para ir formando uma imagem depreciativa deste sujeito, desvalorizando seus costumes e marginalizando-os diante da sociedade. Isto foi fazendo, também, com que ele perdesse as chances de exercer sua cidadania e participar, efetivamente, da sociedade nos diferentes âmbitos.

Um fato a considerar, no bojo desta discussão, é que esta negação histórica à inclusão social do negro, no Brasil, expressa-se, também, por meio do racismo, preconceito e discriminação, que aparecem de forma velada nas práticas sociais das pessoas.

A vista disso, Pereira (2001, p.173) nos afirma que “[...] o racismo deve ser entendido como um complexo de ideias, atitudes e ações sociais

centradas em alegadas diferenças biológicas dos indivíduos em interação social”. Isto significa que há um caráter ideológico, representações sociais sobre o negro e questões de ordem política e social que precisam ser superadas.

Nesta direção, Cavallerio (2006), alerta para a necessidade de maiores investimentos em políticas públicas que sustentam ações afirmativas capazes de garantir maior proteção e cuidado no tocante a educação, cultura, saúde, lazer, moradia, etc., para a comunidade negra.

O referido autor relata isto, pois reconhece que muitos negros são marginalizados e perseguidos. Direcionados a subempregos, embora, tendo capacidade para realizar qualquer profissão, por outro lado suas oportunidades são inferiores, mesmo dispendo capacitação para competir, em igualdade, com outras pessoas que não são desta raça.

Da mesma forma como esta questão reverbera na proposição de políticas públicas, a escola, instituição formal de ensino, se não assumir um projeto pedagógico comprometido com a superação do racismo, pode reproduzir estes estigmas, que segregam e privam estudantes negros dos seus direitos sociais.

Nesta direção, o racismo traz algumas consequências para os educandos, em diferentes dimensões, principalmente, nas matérias curriculares, além de grandes possibilidades de suscitar o bullying e outros problemas psicológicos. A criança se retrai, não participa das atividades na sala de aula, dessa forma, gera um prejuízo na vida do educando, especialmente, na autoestima e construção da autoimagem, pois o aluno acaba se vendo de uma forma negativa e, isto conduz a uma baixa aprendizagem e diminuição nas possibilidades de progresso na vida escolar.

Conforme aponta Cavalleiro (2006), impera, no meio escolar, a cultura da boa aparência. Lamentavelmente a pessoa é aceita dentro dos

padrões normativos da sociedade se segue os padrões pré-determinados de beleza. Embora, a discriminação racial seja velada no contexto escolar, o preconceito tem se manifestado de diferentes formas, entre as quais, a principal e mais prejudicial é o “bullying”. Nesta prática, há grande rejeição em relação ao cabelo crespo, a pele negra, a negação da cultura, costumes e tradições do povo negro etc.

Sendo assim, Cavalleiro (2006), alerta para a necessidade de se dar ênfase, nos processos educativos, sobre o assunto da discriminação, expressas nestas ações, e não negligenciar brincadeiras, atitudes e posturas que provoquem prejuízos irreversíveis na vida do educando.

Assim nos diz Cavalleiro (2006) das possibilidades de transformação das escolas em um espaço onde a igualdade, a justiça, o respeito e ética sejam pilares na formação social dos estudantes. Vale ressaltar a importância de reconhecer a Educação como um processo de transformação, individual, coletiva e social e, para isto, precisa ser estabelecida e colocada na direção dos direitos das pessoas que foram historicamente silenciadas, tanto nas práticas pedagógicas escolares quanto na inclusão na vida social.

Resultados

Os dados foram gerados e analisados pela técnica de Análise do Conteúdo, conforme proposto por Bardin (2009). Foram divididos por categorias, para uma melhor organização, apresentação e discussão. Através das respostas de cada entrevistado, definiu-se a sintonia e os pontos em comum com cada um deles, compondo categorias analíticas.

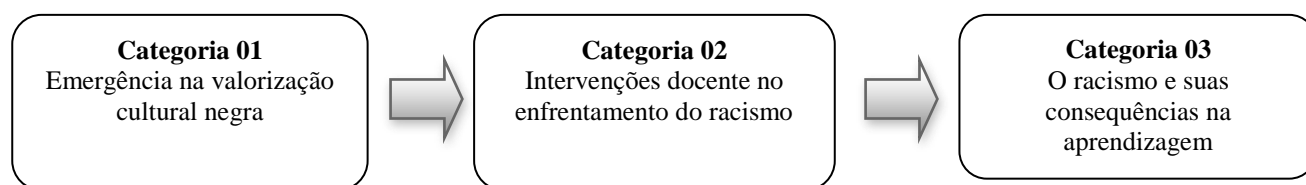
Segundo Bardin (2009, p.134), “[...] qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível.” sendo assim, há um esforço

analítico, por parte do pesquisador no sentido de contemplar as diversas situações, que permitem investigar e compreender uma realidade mais profunda.

A análise do conteúdo permitiu a constatação de três categorias: emergência na valorização cultural negra; intervenção docente

no enfrentamento do racismo; o racismo e suas consequências na aprendizagem. Todas as categorias foram elaboradas a partir da sistematização feita por meio da entrevista realizada com os professores e aparecem sistematizadas na figura abaixo:

Figura 1. Categorias de análise de dados geradas a partir da análise do conteúdo.



Discussão

Na primeira categoria foi discutida a emergência na valorização da cultura racial negra. A relevância deste assunto se dá pelo fato de se tratar de uma questão cada vez mais silenciada no contexto escolar. Contudo, às vezes, erramos por ignorância ou omissão, porque a cultura étnica racial traz uma riqueza grandiosa para a nossa sociedade. Para isso, a escola deve fazer o seu papel de contribuir para a aprendizagem cultural, pois este assunto gera conteúdo e curiosidade, e muitos alunos irão se reconhecer nessa história que por anos foi subjugada, por ser uma raça inferior.

Nesta direção, Brandão nos explica que (2010, p.16), “[...] para uma mudança de mentalidade e de ações cremos ser necessária a construção de uma escola e de uma sociedade sem racismo e que valorizem todos os matizes de que somos constituídos”. Sobre as intencionalidade da escola para valorizar a cultura negra, a fala da entrevista Luther desvela:

Os projetos desenvolvidos devem partir de criações dos próprios alunos. Vídeos, peças

teatrais, apresentações diversas que empoderem/valorizem o diferencial de cada aluno (Prof. Luther, dados da pesquisa, 2018).

Nas palavras da referida entrevistada, há uma ênfase nas produções dos próprios estudantes acerca da dimensão cultural negra. De fato, há diversas estratégias pedagógicas, múltiplas linguagens, que podem ser ponto de partida para abordar a questão cultural negra: vídeos, peças teatrais entre tantas outras possibilidades como a introdução das tecnologias digitais de informação e comunicação como possibilidade de pesquisa, fomento a situações de debates e criação de campanhas combativas ao racismo, palestras, seminários locais entre outras possibilidades.

Ainda discutindo sobre a maneira como a escola aborda a questão étnico-racial, a professora Zulu contribuiu da seguinte maneira:

A escola trabalha a semana da consciência negra com palestras, filmes, shows.

Além, de textos e filmes sobre o tema (Prof. Zulu, dados da pesquisa, 2018)

A fala da entrevistada, sobre o tratamento desta temática em uma semana específica, próxima do dia da consciência negra, desvela a carência do trabalho educativo, realizado ao longo do período letivo, com ações concretas que permeiam o projeto político pedagógico da escola e que valorize a cultura étnico racial. De alguma forma é preciso pensar se na estrutura escolar ou na própria identidade docente, mesmo de forma latente ou velada, existem resquícios ou indícios de racismo, ou ausência de conhecimento maior sobre o assunto.

Conforme Cavalleiro (2006) o fato de negar a existência da diversidade pode fragilizar as ações no enfrentamento de assunto de uma problemática que é inerente de um país que é na sua maioria negra, com sua cultura, seus costumes e valores que estão sendo negados. Nesta direção, percebe-se a necessidade de a escola investir em um trabalho sistemático, intencional e planejado que seja efetivo, com recursos pedagógicos adequados, projetos, pesquisas, debates, seminários, exposições mais aparentes que não fiquem somente no âmbito das datas comemorativas.

A segunda categoria refere-se às intervenções docentes no tratamento do racismo. Nas palavras da entrevistada Mandela:

O professor deve ficar atento às questões do enfrentamento ao racismo na atualidade, voltando-se para a realidade da turma, do aluno. Deve trabalhar com temas que provoquem questionamentos e reflexões para a mudança. É fundamental o engajamento dos professores na luta contra qualquer tipo de preconceito, pois ele é um formador de opinião. (Prof. Mandela, dados da pesquisa 2018).

O excerto acima revela atitudes pontuais para o enfrentamento do racismo, principalmente no fomento à questões e reflexões sobre a

mudanças. Nota-se lacunas na proposição de ações que sejam, de fato combativas ao racismo na escola. Falta maior detalhamento das atitudes e posturas docentes sobre as estruturas racistas e os princípios causais que estão inseridas nestas práticas. Isto significa que não basta abordar a temática e discuti-la de forma abstrata no contexto escolar, mas de ações efetivas que alteram a maneira como as relações sociais são tratadas neste ambiente. Não é só a questão do preconceito, mas o respeito às diferenças sociais, culturais, raciais, linguísticas etc. Para isto é preciso ter clareza sobre a história e seus desdobramentos na forma como a sociedade atual lida com a questão da diversidade.

A professora Dandara, em sua entrevista, dá alguns exemplos para enfrentamento do racismo: *“os livros didáticos são uma forma relevante no enfrentamento do racismo e discutir projetos no planejamento escolar para trabalhar a temática”*.

No discurso da docente é pouco recorrente a falta de ações militantes, práticas efetivas que alteram as relações sociais e fomentem a busca por novas políticas públicas de enfrentamento ao racismo. Entende-se disto que as práticas individualizadas que, estão presentes nos discursos institucionais, não terão tanta relevância diante de uma realidade tão concreta e cristalizada, que são as ideologias racistas, que cada dia está evidente nos retrocessos para a população negra no Brasil.

Conforme aponta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino De História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, (2004, p.16), *“a luta pela superação do racismo e da discriminação racial, é, pois, tarefa de todo e qualquer educador [...]”* Não é uma tarefa simples o educador enfrentar o racismo na sala de aula. Sobretudo, ele deve estar apoiado pelo corpo docente e pela gestão escolar. Contudo a formação continuada, no enfrentamento é fundamental.

A entrevistada Luther nos disse sobre o enfrentamento do racismo assim:

O professor é mediador. É ele quem primeiro repara esse tipo de agressão, que por muitas vezes pode ser sutil. É quem dá a “abertura” para que o aluno peça ajuda necessária (Prof. Luther, dados da pesquisa, 2018).

Lamentavelmente sabemos que há discriminação entre os próprios estudantes que, às vezes, sentem vergonha de falar com o docente sobre tal fato. Há um constrangimento e falta confiança do estudante em relação à instituição de ensino para que este possa compartilhar e denunciar atos de agressão ou violência sentida/vivida. Por isto cabe o olhar compartilhador, mediador e atento desse docente, no sentido de observar e conhecer a sua turma para, nos momentos exatos e com mediação adequada, fazer a intervenção e o enfrentamento sobre qualquer forma de discriminação.

Sobre este assunto, Brandão explica (2010, p.88), que “[...] o silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais contribui para que as diferenças sejam entendidas com desigualdade e os negros como sinônimo de desigual e inferior”.

Na terceira categoria, que emergiu ao longo do nosso processo de análise, discute-se o racismo e suas consequências para a aprendizagem. Nesta direção a contribuição da entrevistada Mandela foi a seguinte:

Acredito que, diante da opressão, causada pelo racismo, o aluno venha a se sentir desmotivado com os estudos, muitas vezes se isolando ou se revoltando, desenvolvendo comportamentos que não favorecem a aprendizagem. (Prof. Mandela, dados da pesquisa, 2018).

O racismo na aprendizagem traz uma influência danosa na vida do discente. A literatura sobre o assunto, consultada nesta pesquisa, nos

mostra que há um número expressivo de evasão escolar, no cenário das escolas brasileiras, pois, o negro, por não encontrar, na escola, condições de permanência e progresso nos estudos, abandona a escola. Às vezes, este espaço educativo representa a única oportunidade de inserção social, por isto a necessidade de constante luta por conquista de políticas públicas, ações afirmativas, para a garantia do acesso e permanência dos estudantes negros na vida escolar na contemporaneidade.

Conclusões

Através da pesquisa pode-se perceber a relevância desse tema ao contexto educativo. O estudante, neste viés, além de aprender sobre a cultura negra, aprende o respeito à adversidade e como a discriminação pode implicar, de forma negativa, no desenvolvimento educativo. Sendo assim, o professor, como mediador da aprendizagem e representante que visa à formação integral do sujeito, deve estar preparado para lidar com a temática e contribuir com a construção de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa a partir das intencionalidades pedagógicas comprometidas com o enfrentamento do racismo.

Espera-se que este trabalho contribua com a prática docente, possibilitando, aos professores, gestores, especialistas que trabalham no âmbito de elaborar e implementar projetos e intencionalidades educativas que possam se tornar, também, estratégias de luta e resistência contra o racismo e ampliar os debates no sentido de forjar ações mais afirmativas e inclusivas a partir do ambiente escolar mas não restringindo-se apenas ele.

Referências

1. GONSÁLVES E. P. Conversa sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas: Alínea; 2007.
2. GIL A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas; 1991.

3. SEVERINO A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez; 2007.
4. CAVALLEIRO E.S. Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a Efetividade. In: Brandão AP. Saberes e fazeres, modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho; 2006, p. 82-95.
5. PEREIRA J.B. Diversidade, Racismo e Educação. Revista USP, 2001; 50: 169-177 .
6. BARDIN L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal: LDA; 2009.
7. Brasil. Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino De História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Brasília, DF: MEC; 2004.